

Castelinho da Rua Apa ontem e hoje: uma história de crime, polêmicas e um grito por restauração¹

Eduardo Bezerra RODRIGUES²

Tátyla ALMEIDA³

Patrícia PAIXÃO⁴

Faculdade do Povo, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho destaca a importância da reportagem “Marcado com Sangue”, que trata da história e da atual situação do Castelinho da Rua Apa, um significativo imóvel localizado no centro de São Paulo, tombado pelo patrimônio histórico da cidade. A matéria procura contribuir para a valorização do local e sua preservação, ao apresentar todas as faces da história deste paleete construído em 1912, e que hoje está quase em ruínas. Neste paper, além de falar sobre o texto, apresentamos seus bastidores de produção, para que o leitor possa conhecer o passo a passo da criação de uma grande reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: Castelinho; Rua Apa; Guimarães Reis; Crime; Reportagem;

1 INTRODUÇÃO

O Castelinho da Rua Apa é um dos prédios históricos mais enigmáticos da região central de São Paulo. Localizado na Rua Apa, nº 236, na esquina com Avenida São João, trata-se de uma residência construída em 1912 sob o formato de um castelo medieval.

O imóvel, que foi tombado em 2004 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio (Conpresp), chama a atenção não apenas pelos traços arquitetônicos exuberantes, mas, principalmente, pela intrigante história que o cerca há mais de 76 anos: o assassinato da família Guimarães Reis. Em 12 de maio de 1937, os irmãos Guimarães Reis e sua mãe Maria Cândida Guimarães foram encontrados mortos na casa e até hoje não se sabe o que realmente aconteceu naquela noite.

Para além dessas questões, vale destacar o abandono do local pelo poder público e o uso do seu espaço, hoje, por uma ONG, que desenvolve trabalhos sociais de costura com

¹Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 08 Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

²Aluno líder do grupo, estudante do 5º semestre de Jornalismo, email: contato.edurodrigues@gmail.com

³Aluna do 5º semestre de Jornalismo, email: tatyalaalmeida@gmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade do Povo (FAPSP), email: paixao.patricia@uol.com.br

drogados e moradores de rua. Em 2008, a Associação Preserva São Paulo entrou com uma ação civil pública, obrigando a União - que era proprietária do imóvel desde 1943 - a restaurar o prédio, mas o descaso com o local permanece.

Portanto, como se vê, a história do Castelinho e os fatos que o envolvem hoje são complexos, merecendo ser reportados com profundidade.

Por esse motivo, nós, alunos do 5º semestre de Jornalismo da Faculdade do Povo (FAPSP), quando fomos, em agosto de 2012, demandados para apresentar uma grande reportagem para jornal impresso (como Projeto Integrado do 4º semestre) sobre um espaço público importante da região central de São Paulo⁵, resolvemos pautar a nossa matéria no Castelinho da Rua Apa.

O desafio foi fazer uma reportagem que desse conta de todas os aspectos e questões que envolvem o local, tal como exige o gênero “reportagem” que, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 18), oferece “detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado” pela notícia.

Acreditamos que conseguimos atingir essa meta, conforme explicaremos a seguir.

2 OBJETIVO

O objetivo da reportagem, que recebeu o título “Marcado com sangue” e o subtítulo: “Conheça a história do Castelinho da Rua Apa, o palacete que em 1937 foi palco de um crime chocante na cidade de São Paulo; rodeado de mistérios e quase em ruínas, o local aguarda interessados em patrocinar restauro”, foi valorizar esse importante patrimônio histórico de São Paulo, chamando a atenção do poder público para seu estado de abandono.

Ao resgatarmos a história do Castelinho e mostrarmos sua atual situação, esperamos sinceramente estar sensibilizando o poder público e todos que se interessam pelo patrimônio histórico da cidade, levando-os a tomar providências para a revitalização do prédio.

3 JUSTIFICATIVA

O Castelinho da Rua Apa já foi alvo de algumas matérias jornalísticas. A maioria delas, no entanto, restringiu-se à história do misterioso crime ocorrido no local, com a família Guimarães Reis.

⁵ O Plano de Desenvolvimento Institucional da FAPSP e o Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo prevêem que os alunos desenvolvam atividades técnico-profissionais que voltadas a valorizar o centro de São Paulo, bairro no qual a faculdade está situada (a instituição está localizada na República).

Na pesquisa que fizemos antes de decidir por esta pauta, percebemos vários pontos importantes que mereceriam ser explorados numa reportagem, e que ainda não tinham sido abordados. Por exemplo, a situação atual do prédio, tanto no aspecto da necessidade de restauração, como no aspecto das atividades da ONG que hoje usa o espaço.

As matérias que já tinham sido publicadas também não aprofundaram muito nos detalhes do crime cometido no local e suas posteriores consequências.

Nossa reportagem é a primeira a compilar todos os lados da história do Castelinho, com seus desdobramentos e implicações, e a mostrar o estado atual do local.

Ela quebra o paradigma de que o Castelinho da Rua Apa é simplesmente a antiga casa da família Guimarães Reis. Os pontos que estavam escondidos foram descortinados com a nossa matéria. Conseguimos algumas revelações e detalhes importantes.

Cabe destacar que a matéria (que foi replicada no blog da sensitiva Márcia Fernandes – uma das entrevistadas – e que será publicada em uma das próximas edições da revista *Free São Paulo*) tem se tornado referência para alunos de Comunicação. Recentemente, um estudante de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero nos procurou dizendo que havia lido a reportagem na internet e que ela tinha lhe dado o norte para iniciar seu trabalho de conclusão de curso.

Além do material escrito, produzimos também uma vídeo-reportagem sobre o mesmo tema e, até o dia 09/04/2013, ela estava com 168 visualizações no *YouTube*⁶.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Por se tratar de uma grande reportagem, lançamos mão das técnicas de pesquisa, produção, redação, e edição próprias para este gênero jornalístico. As técnicas foram ensinadas na disciplina “Técnicas de Pesquisa, Reportagem e Entrevista Jornalística”, lecionada pela professora mestre Patrícia Paixão, e que foi uma das norteadoras do Projeto Integrado (produção de grande reportagem sobre um local do centro de São Paulo).

Os primeiros passos para a produção da reportagem se deram por meio de um vasto levantamento de dados históricos que melhor representasse o tema proposto pelo projeto integrado, como já dito, um caso antigo, específico e emblemático ocorrido no centro de São Paulo. Esse rastreamento de informações foi realizado em livros, sites especializados em memória paulistana, museus, revistas, vídeos e matérias já existentes na mídia.

⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=SHhDzADV1lk>

Precisávamos traçar um verdadeiro mapa de tudo que já havia sido dito sobre o tema do Castelinho da Rua Apa para não cairmos no clichê de reproduzir algo já veiculado na imprensa.

Nessa parte do processo encontramos grande dificuldade em cruzar as informações recolhidas, visto que algumas informações apresentavam dados desconexos, incompletos ou contraditórios, e isso nos fazia sentir insegurança quanto à credibilidade delas e, conseqüentemente, o resultado final do trabalho.

Depois que todo trabalho de pesquisa estava pronto, sabíamos exatamente a quem deveríamos procurar. Os personagens principais desta história são pessoas difíceis de serem localizadas, pois não estão nas redes sociais e alguns não possuem e-mail. Isso aumentou consideravelmente a dificuldade no processo de apuração.

De uma coisa tínhamos certeza. Para montar uma matéria que reunisse todos os lados dessa história fabulosa, precisávamos das fontes-chave: a oficial de justiça aposentada do Tribunal, investigadora criminal e jornalista, Susan Iannace, que acompanha o caso há mais de 20 anos e não acredita na versão da polícia sobre o crime ocorrido no local; o advogado e investigador criminal Milton Bednarski, que é curador do Museu do Crime em São Paulo e também se dedicou ao caso; a presidente da ONG Mães do Brasil, e responsável pelo Castelinho desde 1997, Maria Eulina Hilsenbeck; e o arquiteto responsável pelos estudos de restauração do prédio, Paulo Bastos. Além destes, selecionamos fontes para falar da questão sobrenatural que cerca o lugar (muitos dizem que o Castelinho é um local assombrado, e alguns já disseram ter escutado e visto “fantasmas” lá), o que deu um “sabor” especial à matéria. A grande questão era como iríamos encontrar essas pessoas e entrevistá-las.

Como tínhamos a meta de entrevistar Susan Iannace, assistimos a todos os vídeos em que a oficial de justiça aparecia falando do caso. O objetivo era encontrar algum telefone ou e-mail da produção das vídeo-reportagens que nos levassem a encontrar Susan. Em determinado documentário, “Impacto, Documento Vivo”, esses contatos da produtora apareceram. Pegamos o telefone, ligamos, mas não ninguém atendia. Mandamos e-mails, mas, também, não responderam. Procuramos o roteirista do programa à época, em 2009, Dimas Oliveira Júnior (que mais tarde tornou-se grande aliado nosso na busca de provas documentais, como fotografias da família), mas ele também não sabia o paradeiro de Susan. Foi então que decidimos procurá-la na lista eletrônica de telefones da Vivo na Internet, e, para nossa surpresa, a busca trouxe o telefone celular, telefone residencial, além do

endereço de seu escritório. Comemoramos e o contato foi feito. Durante as semanas que se seguiam, íamos combinando tudo, as entrevistas, gravações e os “plantões de dúvida” que apareceram muito ao longo do processo de produção. Ficamos muito próximos de Susan em função dos contatos constantes. Ela nos ajuda muito até hoje em outros trabalhos da faculdade.

Vemos nisto um exemplo do que a boa relação entre a fonte e o repórter pode gerar a longo prazo, tal como ressalta a jornalista Ana Estela de Souza Pinto, que foi gerente do programa Trainee da *Folha de S.Paulo*, no livro “Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios”:

Um dos principais patrimônios de um jornalista são suas fontes. (...) Criar uma disciplina no cultivo das fontes quando começar a trabalhar – ou até antes, na faculdade – renderá frutos em poucos meses e fará uma enorme diferença em dois ou três anos. (PINTO, 2009, p. 181).

Por meio de Susan conseguimos entrevistar o jovem Fernando Reis, que está ajudando a oficial de justiça a escrever um livro sobre a história do Castelinho, e o advogado Milton Bednarski, curador do Museu do Crime em São Paulo. Milton não tem costume de conceder entrevistas a estudantes, mas, graças à Susan e ao comprometimento que demonstramos em cada etapa do processo de execução, Bednarski decidiu nos receber, abrindo, inclusive as portas de seu escritório para que consultássemos todo o histórico do inquérito policial – atitude que, segundo o próprio, nunca havia feito.

Maria Eulina mostrou-se resistente durante os primeiros contatos feitos. Mas tivemos paciência. Insistimos. Perseguimos. E ela aceitou.

Por último procuramos o arquiteto Paulo Bastos. Descobrimos que Bastos havia morrido poucos meses antes de começarmos o trabalho. Entramos em contato com seu escritório de arquitetura, e fomos informados que tudo relacionado ao restauro do Castelinho estava em novas mãos, de Nelson Xavier e Luciane Shoyama, nossos entrevistados.

Com as fontes definidas, o segundo passo foi realizar uma profunda pesquisa sobre o tema que cada um dos personagens desta reportagem iria abordar. Imprescindível. Somente após essa apuração produzimos o roteiro de perguntas para a entrevista. Como lembra Leandro Fortes (2008, p.54)

Entrevistar alguém significa, na maior parte das vezes, imiscuir-se na personalidade e na vida alheia com o objetivo sincero – e profissional – de extrair informações. (...) Não se trata apenas de estar por dentro do assunto a ser tratado, mas, principalmente, de garantir o domínio absoluto do tema e, por consequência, do entrevistado. (...) Fontes de informação, sobretudo as que têm o hábito de dar muitas entrevistas, percebem logo quando estão diante de um repórter mal preparado, ignorante ou inseguro.

De todas as entrevistas da matéria, oito no total, apenas uma foi feita por e-mail. As demais foram presenciais, queríamos estar cara a cara, captar minúcias, reações do entrevistado. Assim, também era possível mudar o rumo da conversa, caso necessário. A entrevista presencial

é o tipo de conversa que oferece recursos únicos ao repórter: a possibilidade de observar e fazer perguntas-surpresa. E ninguém duvida de que a reportagem se torna muito mais rica quando o jornalista consegue relatar a reação do entrevistado durante a conversa, como gestos e fisionomia. (FLORESTA; BRASLAUKA, 2009, p. 78).

Já no ato de entrevistar aplicamos as técnicas de reportagem aprendidas na disciplina “Técnicas de Pesquisa, Reportagem e Entrevista Jornalística”, anteriormente mencionada. Todas as entrevistas presenciais tiveram os respectivos áudios gravados, que depois foram decupados, editados e incorporados (em parte) ao texto.

Por fim, tivemos o cuidado de fazer um texto atrativo, tal como ensinado na disciplina, com uma abertura instigante, capaz de fisgar o leitor a permanecer na reportagem. Dividimos os vários aspectos que envolvem o Castelhinho em intertítulos, para que o texto ficasse mais organizado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A reportagem começa resgatando o dia do crime na casa dos Guimarães Reis em 1937, e apontando indícios que levaram à tragédia, como a briga entre os irmãos Álvaro e Armando, que teria sido motivada por uma discordância a respeito da forma de gerir os negócios da família.

Tivemos a preocupação de fazer uma contextualização da sociedade paulistana da década de 1930 e do centro de São Paulo, como espaço no qual o Castelhinho está localizado.

Tratava-se de uma sociedade conservadora, e crimes chocantes, como o ocorrido no local, não eram comuns e tampouco tratados de maneira banal.

Posteriormente, traçamos um perfil de cada integrante da família e o status que eles ocupavam na sociedade da época.

Na sequência, o texto aborda o lado sobrenatural do Castelinho, que devido ao relato de várias pessoas sobre vozes, vultos e correntes no local, acabou virando uma lenda urbana. Nesse ponto, trazemos o depoimento da sensitiva Márcia Fernandes, que já visitou o local, e afirma ter certeza da presença de “espíritos” e manifestações sobrenaturais nos cômodos da casa, do diretor de cinema Dimas Oliveira Júnior, que dirigiu um documentário na casa em 2003, dentre outros.

Por fim, o texto trata de como a casa está atualmente, com o trabalho social desenvolvido pela ONG Mães do Brasil, e o estado de abandono do prédio por parte do poder público.

6 CONSIDERAÇÕES

A soma de toda complexidade, relevância histórico-contemporânea do tema, credibilidade das fontes ouvidas, contextualização, ética e, principalmente, o amor ao jornalismo e ao gênero reportagem, nos fazem acreditar que nossa matéria tornou-se importante para entender e valorizar a história deste patrimônio, além de contribuir consideravelmente para a área jornalística e acadêmica, como exemplo de um bom jornalismo.

REFERÊNCIAS

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem** – Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

FORTES, L. **Os segredos das redações**. O que os jornalistas só descobrem no dia-a-dia. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009

PRADO, Magaly; FLORESTA, Cleide; BRASLAUKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista em Jornalismo**. Roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009. (Introdução ao Jornalismo; v.3).